

Gráficas descobrem a saída: diversificação

por Eugênia Lopes
de Brasília

Apesar de estar operando com 50% de ociosidade desde que perdeu as gordas contas do governo federal, o setor de indústrias gráficas de Brasília se prepara para fazer investimentos da ordem de US\$ 40 milhões ao longo dos próximos quatro anos. Só em 1991 estão previstos aportes de US\$ 10 milhões na modernização do parque gráfico da capital federal.

"A indústria gráfica é extremamente ágil, reque-rendo uma atualização constante do equipamento, que em sua maioria é importado", diz Lourival Novaes Dantes, vice-presidente da Federação

das Indústrias de Brasília (Fibra) e proprietário da Gráfica Ipiranga.

Atualmente ocupando a quarta posição no ranking nacional, o parque gráfico de Brasília cresceu muito nos últimos vinte anos — em 1968 existiam seis gráficas na cidade; hoje, o número chega a 230 —, baseado principalmente nas encomendas governamentais. Com a redução drástica dessas encomendas, principalmente a partir de 1990, o setor passou a trabalhar com ociosidade muito grande, o que provocou a saída de empresas, como a Gráfica Brasileira, a maior do Distrito Federal, que desde o início do ano está funcionando em São Paulo.

Segundo o vice-presidente da Fibra, a solução para o setor "está na especialização, o que demanda investimentos". Nesse sentido, os empresários gráficos estão fazendo estudos para a implantação de um pólo editorial, em convênio com as secretarias estaduais de Cultura e de Indústria e Comércio e com a Universidade de Brasília (UnB), dentro do qual seriam criadas condições para concentrar em um só local toda a produção de livros.

"Cada um está achando o seu caminho", acredita o dono da Gráfica Ipiranga, que acaba de ganhar a concorrência para fornecer a nove estados cerca de 150 milhões de volantes da Loto e da Sena ao mês.

Com ele concorda o presidente do Sindicato das Indústrias Gráficas de Brasília, Antônio Carlos Navarro, para quem o setor vem se ajustando à nova realidade há anos, principalmente pela diversificação de clientes em outras unidades da Federação. "Hoje, os grandes trabalhos são feitos fora de Brasília", diz Navarro.

Instalada há 21 anos em Brasília, a Linha Gráfica Editora — empresa de médio porte em termos nacionais, mas uma das maiores de Brasília — é uma das empresas que há oito anos vêm investindo para se adaptar à nova realidade, deixando de ter como principal cliente de sua carteira o governo federal. Atualmente, 80% de suas encomendas vêm de empresas de outros estados e da iniciativa privada.

Até dezembro, a Linha Gráfica pretende se relocar em uma área de 3 mil metros quadrados. As novas instalações exigiram investimentos de Cr\$ 500 milhões. Para os próximos cinco anos, Antônio Carlos Navarro, dono da gráfica, prevê gastos de mais de US\$ 3,5 milhões na aquisição de equipamentos de última geração.